

Tomada de posse dos órgãos sociais da OF Ana Paula Martins defende que devem ser aproveitadas valências farmacêuticas nos cuidados de saúde primários

Recebida com uma enorme salva de palmas, Ana Paula Martins teve uma tomada de posse entusiasmante e com muitos sinais positivos. Perante um anfiteatro da Faculdade Farmácia de Lisboa a “rebentar pelas costuras”, a cerimónia de tomada de posse dos corpos sociais da Ordem dos Farmacêuticos, realizada no dia 17 de fevereiro, contou com ovações, homenagens espontâneas e até algumas lágrimas.



Ao desafio lançado por João Silveira, que incitou Ana Paula Martins a assumir o “palco” (ver caixa No centro do palco) e a liderança da profissão farmacêutica, algo para que «há muito já estava preparada», a nova bastonária, logo no primeiro discurso, conseguiu marcar a agenda política da Saúde.

«Quero assumir o compromisso de fazer o que tiver que ser feito para dignificar a nossa profissão, torná-la cada vez mais necessária e com maior diversidade de ação no SNS, coordenando-se com outras profissões da saúde num interesse comum: os doentes, os cidadãos que precisam dos nossos cuidados, e que são, afinal, a razão da nossa existência. São objetivos claros e com que estamos todos de acordo», declarou.

Reforçou, no entanto, que esse objetivo só será alcançado com uma Ordem «ativa, coesa, unida», algo que a elevada abstenção nas eleições, que vem sendo aliás uma constante nos últimos anos, deixa antever uma distância entre os farmacêuticos e a sua Ordem «que não pode e não deve manter-se. A Ordem tem poderes de autorregulação, é ela que representa a vontade da classe, a vontade de todos nós. Mas isto só pode acontecer se os farmacêuticos estiverem unidos nesse propósito, garantindo assim uma contribuição representativa que tenha verdadeiramente influência no poder político e nos agentes sociais», lamentou, em jeito de recado, acrescentando: «Esta é a nossa Ordem. Vamos torná-la forte e ativa – essa é a nossa prioridade interna neste mandato, torná-la mais adequada aos

desafios de mobilização e participação dos seus membros».

E frisou que é objetivo da nova direção assumir um novo modelo de coesão profissional, em que ninguém se sinta marginalizado, mesmo aqueles que estão afastados dos grandes meios urbanos.

«Foi por isso que, antes das eleições, percorri o País para entrar na realidade mais longínqua onde há muita dificuldade e pouca esperança, para conhecer de perto situações que, apesar de diversas, têm sempre em comum a proximidade com os cidadãos. O farmacêutico é habitualmente o primeiro contacto com o Sistema de Saúde e, muitas vezes, o seu único recurso. Mais unidos seremos mais fortes, e mais fortes estaremos ainda mais capazes para responder aos novos desafios».

Soluções efetivas

Durante a tomada de posse dos órgãos sociais da OF, Ana Paula Martins e o ministro da Saúde, Adalberto Campos Fernandes, mostraram grande cumplicidade. Enquanto decorria a assinatura do documento da tomada de posse, fazendo os novos (e antigos) membros da direção as habituais juras àquilo que estavam a subscrever, os "protagonistas do momento" trocaram palavras e confidências, sendo frequente o ministro da Saúde assentir com acenos de cabeça e expressões como «muito bem, muito bem» sempre que a bastonária falava.

Ana Paula Martins, que seria retratada por Adalberto Campos Fernandes como «uma grande amiga», aproveitou o clima de concórdia para reivindicar algumas das prioridades do seu mandato.

«Queremos uma aposta nas equipas de saúde familiar que incluam farmacêuticos, nas carreiras profissionais no SNS, de que é exemplo a carreira farmacêutica, que é urgente legislar. É isso que esperamos senhor ministro. E é por isso que esta Ordem se vai bater», atirou, acrescentando que é também objetivo da OF pôr o doente no centro das atenções e promover a cooperação, em vez de competição, entre profissionais de saúde.

Ana Paula Martins deixou à Ordem dos Médicos, mas também aos restantes *players* da Saúde, o «desafio» de as classes profissionais

No centro do «palco»

O presidente da mesa da Assembleia Geral, João Silveira, não mostrou reservas na hora de homenagear publicamente a nova bastonária. João Silveira, que como se sabe também já assumiu esta posição, mostrou-se muito confiante no futuro da Farmácia em Portugal, pois tem agora na sua liderança uma mulher cheia de qualidades: «forte, de caráter humanista, uma mulher de causas e com sensibilidade para o ouvir o outro, algo que é muito importante».

De resto, segundo o ex-bastonário, seria muito difícil aos farmacêuticos estarem melhor representados. «Muitos de nós há muito que a víamos como a nossa futura bastonária. É uma mulher muito inteligente que vai saber unir os farmacêuticos e acabar com o clima de crispação. Chegou a hora de subires ao palco, Ana Paula!», incitou.

Plataforma profissão-ensino

Ana Paula Martins não se esqueceu de enaltecer o meritório trabalho que é feito pela Academia em prol da profissão farmacêutica e revelou que, sob a sua liderança, vai ser criado um novo projeto que pretende criar novas competências que colmatem as necessidades da profissão no mercado de trabalho.

«Na Universidade reside parte importante do nosso desenvolvimento. Os farmacêuticos têm parte da sua história alicerçada nas suas universidades e estão, com elas, lado a lado na construção da nossa identidade como profissão do futuro. É aqui que tenho motivado os meus alunos para o conhecimento e para uma vida ao serviço dos outros, ao serviço do País. As competências, o modelo de qualificação que queremos implementar vai estar muito ligado às nossas faculdades, ao saber aí instalado mas também ao saber fazer que reside nos profissionais e nas suas estruturas. Andaremos de mãos dadas, profissão e Ensino, pelos farmacêuticos de hoje e de amanhã, definindo estratégias comuns para que ensinemos os farmacêuticos nas áreas que são efetivamente necessárias. Estou muito confiante na criação de uma plataforma profissão-ensino liderada pela professora Margarida Carmona, dirigente nacional da OF a partir de hoje».



tentarem ultrapassar o mau ambiente e falta de confiança que tem havido. «Declaro-lhe a nossa firme intenção de trabalhar de forma séria e empenhada para garantir um Sistema Nacional de Saúde moderno, desenvolvido, sustentável, qualificado e transparente, onde os doentes e cidadãos sejam verdadeiramente o centro das nossas atenções e objetivos».

Conta para isso com 15 mil farmacêuticos, em todas as suas áreas de atividade. «Fá-lo-emos de mãos dadas com os médicos, os enfermeiros e as demais profissões

que trabalham na área da saúde. A Ordem garantirá este diálogo no que compete aos farmacêuticos e na base da consideração e respeito pelas áreas de intervenção de cada profissão da saúde. Trabalharemos com todos. Com a Indústria Farmacêutica, com os distribuidores, com o sistema público, privado e social. Todos! Não contribuiremos para climas de desconfiança nem para marginalizar agentes da Saúde. Queremos contribuir, sim, para soluções efetivas que reforcem o Sistema de Saúde. Estamos prontos para isso!», anunciou.

Discurso emocionado

Carlos Maurício Barbosa já não é o líder dos farmacêuticos portugueses. O professor universitário do Porto entregou a pasta com a dignidade e solenidade que o momento exigia.

O agora ex-bastonário também se mostrou entusiasmado com o passar de testemunho, elogiando o trabalho vindouro de Ana Paula Martins. «A nova bastonária saberá conduzir a OF com rigor e muita competência, saberá prestigiar a profissão», concluiu.

A fechar a sua telegráfica intervenção, Maurício Barbosa emocionou-se ao agradecer «o apoio e paciência» da mulher e do filho.

A totalidade da plateia levantou-se para aplaudir efusivamente a última intervenção pública do professor da Invicta, em claro reconhecimento do meritório trabalho de Maurício Barbosa à frente dos destinos da OF.

A sua sucessora não se esqueceu dele: «Quero agradecer ao bastonário professor Carlos Maurício Barbosa o valioso contributo dado nos últimos seis anos, agradecimento extensivo a todos membros dos órgãos sociais da Ordem que o acompanharam. Desejo-lhe uma vida feliz e plena de realizações».

Ministro concorda

Adalberto Campos Fernandes, por seu turno, revelou que será assinado um compromisso para a sustentabilidade do SNS, que «promova a colaboração entre os profissionais, bem como a proximidade, eficiência e «sobretudo humanidade».

Antes disso, o ministro da Saúde, depois de tecer rasgados elogios ao humanismo e força de caráter de Ana Paula Martins, concordou com as propostas da bastonária, anunciando que os serviços desenvolvidos pela rede de farmácias vão ser expandidos e que os farmacêuticos vão estar mais integrados nas equipas de saúde, visando uma maior cooperação entre os profissionais do setor.

Esta colaboração traduz-se em propostas concretas da Ordem, como medidas de maior garantia da segurança dos medicamentos, maior envolvimento dos farmacêuticos no



Sistema de Saúde e aumento dos serviços disponibilizados nas farmácias comunitárias.

«São três pilares essenciais: o primeiro é a rede de farmácias, às quais falta ligação com Sistema de Saúde, o segundo é as farmácias hospitalares, pois é preciso renovar, é preciso uma carreira farmacêutica, um internato farmacêutico, e o terceiro prende-se com as associações de doentes, trabalhar com eles e encontrar caminhos comuns para que

Influências dos mestres

Na sua intervenção, Ana Paula Martins deu especial destaque à influência de dois históricos farmacêuticos na sua vida: Carlos da Silveira, ex-bastonário da OF, e Maria Odete Santos Ferreira, de quem diz ter herdado muitas qualidades.

«Permitam-me duas referências pessoais. Ao professor Carlos Da Silveira. Ao meu bastonário de uma vida. A si devo boa parte do que sou. Fiz como me ensinou professor: li tudo para o que desse e viesse. E agora, espero estar à altura da oportunidade que me deu há 25 anos ao ser sua secretária geral na OF. E à minha estimada professora Maria Odete Santos Ferreira pelo apoio incondicional. De si herdei a determinação e a persistência pela verdade e pelo bem comum. Ainda hoje é a si que tenho como referência, ao decidir os caminhos que devo escolher para uma vida que faça sentido», concluiu, gerando uma ovação que durou alguns minutos.

ganhem maior autonomia», disse Ana Paula Martins.

Esta expansão dos serviços desenvolvidos pela rede de farmácias já está a ser discutida com a tutela e engloba as áreas da adesão à terapêutica, dispensa de medicamentos para o VIH, situações de necessidade de proximidade e áreas de prevenção da doença, garantiu o ministro da Saúde.

Não é de agora que as lacunas de segurança com os fármacos atormentam os profissionais de saúde. Também a atual bastonária se mostra verdadeiramente preocupada com este grave problema, afirmando que a segurança do medicamento também está no centro das suas preocupações, razão por que quer ver os farmacêuticos mais envolvidos não só nas farmácias, mas também nos hospitais e centros de saúde.

Citando um estudo recente, Ana Paula Martins apontou a existência de 84 milhões de pessoas internadas por ano devido aos efeitos adversos dos medicamentos, uma mortalidade estimada em 400 mil pessoas por ano e uma responsabilidade direta de 10% dos custos associados à prestação de cuidados de saúde.

«É muito importante que haja informação nos serviços hospitalares e nos centros de saúde, vale a pena apostar na avaliação dos



efeitos que os medicamentos têm. Os farmacêuticos devem contactar os médicos e procurar a melhor forma de o medicamento ser bem utilizado e é preciso um entendimento claro com os médicos, para não duplicar funções. Não há necessidade. Os portugueses precisam de todos», considerou.

Cortes no setor

O ministro lembrou que o farmacêutico tem um papel importantíssimo, sendo muitas vezes o primeiro contacto do utente com o Sistema de Saúde e algumas vezes mesmo o único.

O governante deixou ainda uma palavra sobre os cortes sofridos por este setor nos últimos anos, lembrando que foi «um dos que mais ajudou, senão o que mais ajudou, à contenção da despesa do Sistema de Saúde».

Adalberto Campos Fernandes, médico e administrador hospitalar, deixou claro que o SNS deve voltar a ter no seu genoma o humanismo, olhando e cuidado dos que menos podem. «Devemos procurar um sistema que proteja os mais fracos», como farmácias em comunidades mais pequenas, no interior, disse, assumindo um compromisso: «a sustentabilidade económica garantida no curto prazo e que este setor não seja abalado por movimentos que possam levar à sua destruição».

Recados

A bastonária não deixou passar em claro algumas falhas do Sistema, nomeadamente

“Bom vento, bom casamento”

Foram muitas personalidades que marcaram presença na cerimónia, entre bastonários e ex-bastonários de várias profissões da Saúde, mas também altos responsáveis do setor, como Francisco George (diretor geral da Saúde) e ex-ministros da tutela, como Maria de Belém Roseira e Leal da Costa. Também do estrangeiro vieram várias personalidades, nomeadamente uma delegação brasileira, a embaixadora de Cuba ou representante da embaixada de Angola.

Na primeira fila, entre os convidados de honra, encontrava-se o líder dos farmacêuticos espanhóis Jorge Aguilar, que fez questão de estar presente na tomada de posse à, agora, sua homóloga portuguesa, provando que a velha máxima “de Espanha nem bom vento nem casamento” já não fará qualquer sentido e que as ancestrais rivalidades ibéricas são coisa do passado.

a redução com a despesa com fármacos. «Prefiro falar do que as profissões da saúde foram capazes de fazer para não deixar os nossos doentes sem consultas, sem cuidados hospitalares, sem o apoio humano e amigo nas aldeias e nas cidades do nosso Portugal. E, acima de tudo, sem medicamentos, apesar da falta de 57 milhões de embalagens nas nossas farmácias durante

o último ano. Tem sido reduzida a despesa com medicamentos no SNS para valores só comparáveis à Roménia, Hungria e a Letónia. Prefiro falar também da rede de farmácias portuguesas que é uma das melhores do mundo e dos serviços farmacêuticos hospitalares de excelência, com indicadores superiores aos da Alemanha, por exemplo, e da Grã-Bretanha», sublinhou.

Os farmacêuticos, diz Ana Paula Martins, estão bem preparados cientificamente. Qualificam-se entre os melhores nas áreas assistenciais e na Indústria Farmacêutica, nas instituições de Saúde militares, nas agências reguladoras, nos hospitais, nos centros de saúde, nas farmácias comunitárias, na Distribuição Farmacêutica, nos laboratórios de Análises Clínicas.

Também os cientistas farmacêuticos «têm renome internacional, publicam, patenteiam O País projeta-se neles além-fronteiras».

As naus do conhecimento

A fazer jus ao épico trabalho que a espera a bastonária lembrou a fibra de que são feitos: os farmacêuticos lusitanos, qual navegadores: que enfrentam mares desconhecidos.

«As nossas naus são o conhecimento e as nossas velas a humanização e a proximidade. Atracamos em qualquer porto, com ventos fortes e marés agitadas. Estamos habituado: ao desconhecido, enfrentamo-lo e rapidamente nos adaptamos. Só há duas coisas que nunca esquecemos: a alma de que somos feitos e o País que nos formou». 🍷